

## Recensão: *José Vianna da Motta: Poemas pianísticos, vol. 1,* João Costa Ferreira (CD mpmp, 2020)

Christine Wassermann Beirão

CESEM  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade NOVA de Lisboa  
[cbeirao@fesh.unl.pt](mailto:cbeirao@fesh.unl.pt)

**O** DISCO MAIS RECENTE DO PIANISTA João Costa Ferreira, *José Vianna da Motta: Poemas pianísticos*, volume 1, reúne exclusivamente obras escritas até aos catorze anos de idade do compositor. Trata-se de estreias discográficas absolutas, que contribuem para a imagem de um grande talento musical que se tem vindo a formar em volta de Vianna da Motta. O CD foi editado em 2020 pelo Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa<sup>1</sup> e a gravação foi feita em Montreuil, França, em Setembro de 2019, num grande piano de cauda Fazioli. Todas estas composições foram também editadas, revistas e prefaciadas pelo intérprete, na Ava Musical Editions em 2016 e 2017.<sup>2</sup>

João Costa Ferreira, titular do Diplôme supérieur d'exécution da École normale de musique de Paris «Alfred Cortot» e mestre em Música e Musicologia pela Sorbonne Université, realiza atualmente, como bolseiro da FCT, uma tese de doutoramento sobre a composição, técnica e interpretação de José Vianna da Motta enquanto pianista. Obteve vários prémios pelas suas

---

A autora segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

<sup>1</sup> Com apoios do próprio mpmp, da Antena 2, *Les Nouveaux Talents*, AvA Musical Editions e das fundações INATEL e GDA.

<sup>2</sup> José Vianna da Motta, *Amizade, mazurca*, rev. João Costa Ferreira (Lisboa, AvA Musical Editions, 2016), ref. ava161543; *As férias*, op. 14 (2016), ref. ava161545; *Amor filial, valsa*, op. 16 (2016), ref. ava161594; *Singela, polca-mazurca*, op. 17 (2016), ref. ava161547a; *Purificação, polca*, op. 18 (2016), ref. ava161570; *Volúvel, valsa*, op. 19 (2016), ref. ava161500; *A infância, polca*, op. 24 (2016), ref. ava161544; *O acrobata, fantasia*, op. 25 (2016), ref. ava161567; *Les inondations de Murcie, scène caractéristique*, op. 28 (2016), ref. ava161571; *Pensée poétique*, op. 36 (2016), ref. ava161494; *Polaca*, op. 37 (2017), ref. ava171637; *Elegia*, op. 45 (2017), ref. ava171709; *Au bord du lac de pena, pastorale*, op. 50 (2016), ref. ava161546; *Três romances sem palavras*, op. 51 (2016), ref. ava161497.

interpretações, bem como o primeiro prémio «Musicologia» no 8.º Concurso «Jeunes solistes de la Sorbonne». Publicou mais de vinte partituras com composições de Vianna da Motta na editora AvA Musical Editions, para as quais escreveu também prefácios muito bem fundamentados.

No CD aqui em análise não existem notas explicativas, no sentido próprio do termo. Em vez disso, o livrete, o disco e a capa são ilustrados com desenhos de Mariana Santos (conhecida por Mariana, a Miserável), uma artista oriunda de Leiria, tal como o pianista. Os desenhos no livrete, que não querem «ilustrar a música, e tão-pouco completá-la», como se lê nas «Palavras breves» de Costa Ferreira que os precedem, são inspirados nos títulos das obras gravadas no disco, cada um ocupando uma página. São desenhos de estilo *naïf*, em formas simples, com traços em parte expressionistas, em parte surrealistas. No centro de cada imagem encontra-se uma figura masculina – que pode levar o leitor a pensar no próprio Vianna da Motta. Apenas sob o título «Amor filial», essa figura, em tamanho minúsculo, está deitada sobre uma gigante figura feminina. É evidente que as imagens não só não querem ilustrar ou completar a música, como também não pretendem corresponder ao estilo e à técnica dela. No entanto, há uma correspondência no ponto de partida de ambos – num caso imaginado, no outro real: a impressão que os desenhos transmitem é a de serem produzidos por uma criança; as obras musicais, por seu lado, foram de facto compostas por uma criança, mas são de uma quase perfeição que não levam a supô-lo. E também elas são, supostamente, inspiradas pelos títulos (ou, talvez ao contrário, os títulos pelas composições). Em suma, a ideia de deixar falar as canetas de Mariana, a Miserável, em vez de apresentar notas explicativas à música, é original e mais que justificável. O CD é, aliás, dedicado a Vicente, o pequeno filho do pianista.

Nas «Palavras breves», João Costa Ferreira explica que as obras compostas por Vianna da Motta até aos catorze anos de idade receberam números de *opus* que não tiveram continuação posterior. De facto, o jovem compositor começou uma nova série de números após se ter radicado na Alemanha. A última peça da primeira série (não gravada neste disco) é o *Rondino*, op. 52, que compôs cinco dias antes do seu embarque para Hamburgo (27 de setembro de 1882). Graças à sua inclinação para documentar (quase) todos os pormenores da sua vida, a idade com que compôs cada obra foi anotada nos manuscritos. Ao mesmo tempo, essas anotações mostram uma certa autoconsciência das suas extraordinárias capacidades artísticas. E eram-no, sem dúvida, não só no que diz respeito às composições, mas também ao seu talento pianístico. Traçar aqui um paralelo com o pequeno Mozart ou com Mendelssohn, não será um grande exagero.

Nas suas obras de infância, Vianna da Motta seguiu, como é natural, a moda de escrever música de salão de carácter poético-imaginativo, muitas vezes em forma de dança: valsa, polca e marcha foram os (sub-)títulos que mais usou nas composições até ao *opus* 26, de 1879. Depois deste preferiu formas mais livres, como demonstram as designações fantasia, rêverie, elegia ou romance sem palavras. Essa nova tendência começa com a «*Scène caractéristique*» *Les Inondations de Murcie*, op. 28, uma obra

de relativamente grande dimensão, inspirada por uma catástrofe natural na região espanhola de Múrcia, em outubro de 1879. Os títulos principais das peças são, evidentemente, inspirados no mundo real e ideal do jovem artista, como *Amizade*, *As férias*, *Amor filial*, ou *Au bord du Lac de Pena* (dedicada à Condessa d'Edla). A grande maioria das composições limita-se a uma forma ABA. Exceções são as obras que pelos próprios títulos exigem formas mais livres: *Singela*, op. 17, imaginada como polca-mazurca, para a qual Vianna da Motta escolheu a forma de rondó circular (ABACABA); *O acrobata*, op. 25, concebido como uma «Fantasia»; *Les Inondations de Murcie*, op. 28, que têm caráter descritivo de um acontecimento real (se bem que imaginado nos seus pormenores) e dos sentimentos das pessoas afetadas.

A evolução mais relevante aconteceu, como era de esperar, no domínio da técnica pianística. Se já a mazurca *Amizade*, composta «aos 7½ anos d'idade», como se lê no frontispício da segunda edição, apresenta ritmos com notas duplamente pontuadas e tercinas de fusas, e a mão esquerda tem de tocar acordes de âmbito de oitava, *Pensée poétique* (doze anos) ou *Au bord du Lac de Pena* (treze anos) incluem extensas passagens de fusas e semifusas, com trilos sobre cada nota, um recurso ao pedal muito elaborado, escalas de 38, 43 ou 46 notas dentro de um compasso de 4/4 e outras técnicas sofisticadas, que deixam adivinhar e admirar também o desenvolvimento pianístico do jovem artista. São justamente estas passagens virtuosísticas que exigem um tratamento muito delicado na execução musical, para não resultar num efeito maçador, nomeadamente nas secções dinamicamente mais intensas. O mesmo é verdade no que respeita ao acompanhamento das melodias temáticas pela mão esquerda nas valsas, polcas e mazurcas. João Costa Ferreira mostra-se altamente sensível a esta problemática. É um virtuoso que domina magistralmente as dificuldades técnicas e, ao mesmo tempo, consegue entrar no mundo mental e emocional do jovem Vianna da Motta com grande empatia.

A série de pequenas preciosidades gravadas neste CD começa com *Pensée poétique. Rêverie*, op. 36, uma peça no estilo de Chopin, dedicada a Alice Hensler, filha da Condessa d'Edla (naquela altura ainda apresentada como sua sobrinha). A *Rêverie*, de um caráter quase sombrio e dramático, em mi bemol menor, é interpretada com muita poesia e ao mesmo tempo com grande exatidão e virtuosidade por João Costa Ferreira. As passagens de notas com valores pequenos brilham sob os seus dedos, e a melodia principal é sempre bem perceptível, apesar de ser tocada com leveza e delicadeza.

O mesmo se pode dizer dos *Três romances sem palavras*, op. 51, que se seguem. Trata-se de três trechos de caráter poético-romântico, que inicialmente não eram concebidos como um conjunto, mas cada um tinha o subtítulo «Romance sem palavras», como é explicado no prefácio da partitura destas composições, escritas no verão de 1882, ano em que Vianna da Motta partiu para a Alemanha. Os temas são de uma grande simplicidade e clareza, acompanhados por figuras fluentes que não devem perturbar a sua perceptibilidade, o que o pianista consegue realizar com perfeição.

Seguem-se três peças compostas aos dez anos. A fantasia *O Acrobata*, op. 25, mostra o lado lúdico de Vianna da Motta. Na bravura dos compassos que abrem e fecham a obra pode imaginar-se uma reverência do acrobata perante o aplauso do público, e entre eles as acrobacias realizadas. A música e a sua interpretação criam perfeitamente uma atmosfera de circo. As valsas *Volúvel*, op. 19, e *Amor filial*, op. 16, assemelham-se nas suas estruturas, nos temas e no carácter geral. Também elas são, evidentemente, amostras das capacidades virtuosísticas do jovem artista enquanto compositor e pianista, e João Costa Ferreira possivelmente aumenta ainda esse efeito, tocando as peças um pouco mais depressa do que era pretendido e com muito humor e imaginação.

*As férias*, mais uma valsa, composta no verão do ano anterior às duas últimas, usa no tema principal outra vez um ritmo pelo qual Vianna da Motta mostra alguma preferência naquela altura: uma hemíola com o último valor pontuado. Distingue-se, no entanto, na estrutura e, através de uma repetição completa entre a introdução e a coda, também na sua extensão – talvez como expressão do desejo de as férias nunca mais acabarem. Nesta peça, o intérprete tomou porventura demasiada liberdade ao ignorar algumas acentuações e pormenores da dinâmica. Essas decisões podem ter sido tomadas em consequência de ter escolhido outra vez um tempo bastante rápido – uma opção legítima, tendo em conta que a indicação *Andante* deve ser válida apenas para a introdução. Por outro lado, é discutível se a escolha do tempo não deveria ser, pelo contrário, uma consequência do texto musical. Esta dúvida é reforçada ao ouvir a obra seguinte.

A introdução da mazurca *Amizade* tem a indicação *Allegro moderato* e a parte principal *Allegretto*. Não é fácil dizer qual das designações significa o andamento mais rápido, mas fica-se outra vez com a impressão de o *Allegretto* ser demasiado veloz. E também nesta peça as indicações de dinâmica são às vezes ignoradas. O efeito é sempre bonito, mas não corresponde completamente à intenção do compositor.

*Au bord du Lac de Pena*, op. 50, com o subtítulo de *Pastorale*, exige uma agilidade de dedos extraordinária: numa estrutura de ABA', o tema principal, em ritmo trocaico e muito simples na sua forma original, aparece ornamentado com trilos e em semifusas na secção A'; o segundo tema é caracterizado pelo uso de mãos cruzadas; e um terceiro tema tem como motivo principal o trilo enquanto tal, lembrando o canto dos pássaros. João Costa Ferreira toca a peça com muita poesia, delicadeza e virtuosidade.

O carácter da *Elegia*, op. 45, encontra-se na linha dos *Três romances sem palavras*, nomeadamente da *Lamentação*. Como se pode observar na partitura, a peça praticamente não contém indicações nem de utilização de pedal, nem de dinâmica e articulação, e possivelmente também a designação dos andamentos está incompleta, o que dá alguma justificação para as liberdades tomadas a este respeito pelo intérprete.

Seguem-se a *Polaca*, op. 37, e três polcas, op. 18, 24 e 17, sendo a última uma forma híbrida denominada polca-mazurca. Vianna da Motta explora nestas danças os vários elementos virtuosísticos – como escalas rápidas, ornamentos que exigem muita destreza digital e o uso frequente de oitavas – combinando-os com ideias temáticas de alguma originalidade. Há, no entanto, na *Polaca* (em compasso 3/4) aquilo que numa primeira audição parece uma surpresa engraçada, mas que se revela como um erro ao ver a partitura: o último compasso do primeiro tema tem apenas duas semínimas – talvez um erro dos técnicos de som, que cortaram uma pausa. O pianista toca as peças com ligeireza e espírito; apenas a dinâmica poderia ser em geral um pouco mais contrastante.

A última obra do disco é a já mencionada *Les inondations de Murcie, scène caractéristique*, op. 28. Conforme à temática, a composição tem uma estrutura discursiva e não cíclica. As sucessivas secções levam indicações relativas aos acontecimentos dramáticos, em francês: *Avant l'orage*, *L'orage*, *Le désespoir*, *La prière*, *Hymne triomphal en action de grâce*. Para dar expressão ao drama da catástrofe e aos sentimentos da população afetada, Vianna da Motta usa naturalmente meios diferentes das outras peças, nomeadamente trémulos e escalas cromáticas nos registos graves do instrumento ao longo de muitos compassos e secções extensas com o pedal direito sempre pressionado, criando um tapete sonoro como base para os sons agudos produzidos pela mão direita, invocando talvez relâmpagos. O intérprete realiza bem os efeitos pretendidos. Apenas a parte final, o «hino triunfal em ação de graças», é de uma sonoridade quase maçadora que dificilmente se pode reprimir: são setenta e cinco compassos caracterizados principalmente por dois motivos, um ritmo pontuado e tercinas de colcheias, com acordes de âmbito de oitavas em ambas as mãos e sempre *forte/fortissimo*. Mas a ideia de uma banda local da população poupada à tragédia a tocar o hino como «ação de graças» pode bem explicar o triunfo excessivo.

Este CD, pelo trabalho pioneiro de João Costa Ferreira, a sua interpretação extraordinária e a originalidade do livrete, merece certamente um prémio de disco.

**Christine Wassermann Beirão** obteve o mestrado (*Magister Artium*) e o doutoramento em Ciências Musicais em Berlim, Alemanha. Foi professora contratada, assistente científica num projecto sobre Olivier Messiaen da Deutsche Forschungsgemeinschaft e directora da secção de música na Fundação Guardini, em Berlim. Teve uma bolsa de pós-doutoramento financiada pela FCT, para um trabalho sobre espólios de compositores portugueses. Tem publicado vários livros e artigos sobre José Vianna da Motta e Luiz Costa em Portugal e na Alemanha. É investigadora integrada do CESEM / NOVA FCSH.

